

Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências

Thaís Helena Ferreira Neto
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Thaís Helena Ferreira Neto
(Organizadora)

Comunicação e Jornalismo:
Conceitos e Tendências

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação e jornalismo: conceitos e tendências [recurso eletrônico] / Organizadora Thaís Helena Ferreira Neto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-026-1

DOI 10.22533/at.ed.261190901

1. Comunicação social. 2. Jornalismo. 3. Mídia digital. I. Ferreira Neto, Thaís Helena. II. Série.

CDD 303.4833

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências” volume 1 é composta por 13 artigos que abordam discussões envolvendo comunicação e produção de conteúdo através de dispositivos móveis, como aplicativos (apps), mídias digitais, plataformas interativas, mobilidade e convergência midiática. Tendências que permeiam o Jornalismo nas multitelas.

Pensar o Jornalismo como impulsionador dessas ferramentas digitais é oportunizar novas opções de diálogo para o cenário, seja no jornalismo televisivo, radiofônico, impresso, investigativo, na assessoria de imprensa ou no próprio jornalismo digital.

A digitalização do jornalismo, as capacidades que a internet oferece aos jornalistas na obtenção de dados e de acesso à informação, a proliferação de canais de comunicação e a potencialmente da interatividade entre jornalistas e fontes e entre jornalistas e público, são fatores que apontam para a existência de um campo jornalístico envolvendo todos os agentes sociais.

Essa tendência de pesquisa com foco no jornalismo digital é reflexo do cenário que hoje tem como alguns temas latentes as redes sociais, polarização política, checagem de fatos, jornalismo de dados, audiência e estatísticas, desinformação e representatividade. Assuntos em pauta, importantes para um diálogo plural e consciente.

Thaís Helena Ferreira Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	7
INTERAÇÃO, INTERATIVIDADE E SUBJETIVIDADE: UM ENSAIO SOBRE CONTRATO DE LEITURA NAS REDES DIGITAIS	
César Steffen	
DOI 10.22533/at.ed.2611909011	
CAPÍTULO 2	19
A INTERATIVIDADE NOS CIBERMEIOS DE DOURADOS: COMO OCORRE A PARTICIPAÇÃO DO LEITOR NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS NA WEB	
José Milton Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2611909012	
CAPÍTULO 3	31
A COBERTURA DO NOVO JORNAL NOS ATENTADOS DO CRIME ORGANIZADO NO RN: PRODUÇÃO NOTICIOSA E INTERAÇÃO NO <i>FACEBOOK</i>	
Adriano Charles Silva Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.2611909013	
CAPÍTULO 4	42
REDESSOCIAIS E SEXUALIDADE: CONCEPÇÕES A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DOS ADOLESCENTES DO <i>CAMPUS IFAM/HUMAITÁ</i>	
Alline Penha Pinto	
Paulo Severino da Silva	
Flávia Heloísa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2611909014	
CAPÍTULO 5	50
FACEBOOK E NUTRIÇÃO	
Samara Carolina Fernandes Ferreira	
Graciele Stolarski	
Ana Paula Machado Velho	
Tiago Franklin Rodrigues Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.2611909015	
CAPÍTULO 6	57
MÍDIA ONLINE: COMO O CIBERJORNALISMO ABORDA AS DOENÇAS PSÍQUICAS	
Jacir Alfonso Zanatta	
Bianka Macário	
Valesca Soares Consolaro	
DOI 10.22533/at.ed.2611909016	
CAPÍTULO 7	66
UMA ENQUETE <i>ONLINE</i> : MODELAMENTO MATEMÁTICO DE TEMPOS DE RESPOSTA E ANÁLISE CRÍTICA	
Paulo Roxo Barja	
Cláudia Regina Lemes	
DOI 10.22533/at.ed.2611909017	

CAPÍTULO 8	77
MT TV- 1ª EDIÇÃO: REFLEXOS DE INTERATIVIDADE NO CONTEÚDO NOTICIOSO DO TELEJORNAL	
Ulislávio Oliveira Evangelista	
Roscéli Kochhann	
DOI 10.22533/at.ed.2611909018	
CAPÍTULO 9	87
REMEDIAÇÃO SEM INTERAÇÃO: UM EXAME SOBRE A PRESENÇA DE O GLOBO NO FACEBOOK	
Telma Sueli Pinto Johnson	
Warley Bueno Pereira Jr.	
DOI 10.22533/at.ed.2611909019	
CAPÍTULO 10	104
THE ENTIRE HISTORY OF YOU: OBSESSÃO MNEMÔNICA E ARQUIVISMO COMPULSIVO NOS HARDWARES DE MEMÓRIA ARTIFICIAL	
Tiago Ricciardi Correa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.26119090110	
CAPÍTULO 11	112
SEMINÁRIO DE LINGUAGENS COMPARADAS: UNIR SABERES PARA UM JORNALISMO DE EXCELÊNCIA	
Caroline Maria Beccari	
Sônia Regina Schena Bertol	
DOI 10.22533/at.ed.26119090111	
CAPÍTULO 12	125
UMA REVISTA MAGRA: COMO A VEJA ONLINE ABORDA A ANOREXIA	
Bianka Macário	
Jacir Alfonso Zanatta	
DOI 10.22533/at.ed.26119090112	
CAPÍTULO 13	135
CONTEÚDO VOMITADO: COMO A VEJA ONLINE ABORDA A BULIMIA	
Ingrid Rocha de Moraes	
Jacir Alfonso Zanatta	
DOI 10.22533/at.ed.26119090113	
SOBRE A ORGANIZADORA	144

THE ENTIRE HISTORY OF YOU: OBSESSÃO MNEMÔNICA E ARQUIVISMO COMPULSIVO NOS HARDWARES DE MEMÓRIA ARTIFICIAL

Tiago Ricciardi Correa Lopes

Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS
São Leopoldo – RS

RESUMO: O texto propõe uma breve reflexão acerca dos impactos e dos efeitos na tecnocultura contemporânea provocados pelo aumento de processos automáticos de rastreamento, captura e processamento de informações obtidas a partir do uso de acessórios computacionais vestíveis (*wearables*). Para tanto, pretende-se realizar o cruzamento de um conjunto de referências teóricas acerca de temas relacionados às práticas de arquivamento com a análise do terceiro episódio da primeira temporada da série britânica *Black Mirror*, intitulado *The entire history of you*. Ao colocar o foco narrativo sobre os processos de recuperação instantânea de lembranças pessoais, este episódio favorece o debate sobre a memória artificial, abrindo caminho para que novas questões venham à tona, especialmente, a problemática que envolve a impossibilidade do esquecimento em um contexto marcado pelo arquivismo compulsivo.

PALAVRAS-CHAVE: arquivo; colecionismo; câmera vestível; dispositivos móveis; memória artificial

ABSTRACT: The text proposes a brief reflection on the impacts and effects on contemporary technoculture caused by the increase of automatic processes of tracking, capture and processing of information obtained from the use of wearable computing accessories. In order to do so, it is intended to combine a set of theoretical references on topics related to archival practices with the analysis of the third episode of the first season of the British series *Black Mirror*, titled *The entire history of you*. By placing the narrative focus on the processes of instantaneous retrieval of personal memories, this episode favors the debate on artificial memory, opening the way for new questions to arise, especially the problematic that involves the impossibility of forgetting in a context marked by compulsive archivism.

KEYWORDS: archive; collecting; wearable camera; mobile devices; artificial memory

1 | APRESENTAÇÃO

Em 1945, o então diretor do Office of Scientific Research and Development dos EUA, Dr. Vannevar Bush, apresentava em seu artigo *As we may think* – que anos mais tarde se tornaria um texto referencial nos estudos de cibercultura – uma máquina capaz de ampliar enormemente a capacidade de armazenamento

de informações pessoais. O MEMEX, como foi batizado por Bush, seria uma espécie de biblioteca mecânica que permitiria a uma pessoa registrar e guardar todos os seus livros, arquivos, fotografias, filmes etc. – um “suplemento ampliado” da memória, cuja principal função, para além de oferecer-se como um vasto repositório de arquivos privados, seria possibilitar a busca e a recuperação dos dados estocados na memória do aparelho através de processos de indexações associativas entre as informações, algo inspirado na forma não-linear como o próprio pensamento humano opera. Para Bush, uma das maiores contribuições do conceito de sistema de armazenamento e recuperação de dados que embasava a ideia do MEMEX era permitir aos seres humanos esquecer tudo aquilo que não fosse imediatamente necessário, tendo a certeza de que, caso necessário, qualquer informação poderia ser facilmente recuperada. (BUSH, 2002).

Apesar de o MEMEX jamais ter sido de fato construído, o artigo de 1945 de Bush teve o grande mérito de descrever as bases conceituais para o desenvolvimento de um ambicioso sistema baseado na ideia de expansão mnemônica ilimitada – o qual, apenas algumas décadas mais tarde, se tornaria viável em virtude da emergência da Web e da disseminação de tecnologias computacionais ubíquas. (WEISER, 1991). Contudo, se o MEMEX representava a possibilidade de arquivamento de informações centralizadas em um único repositório privado, o ambiente tecnológico que nos envolve, atualmente, promove a multiplicação de uma grande variedade de sistemas de registro de dados – aos quais delegamos a guarda de toda a sorte de informações pessoais – cujos efeitos de longo prazo sobre o aparato sensorial dos seus usuários ainda se mostram nebulosos e incertos no horizonte da cultura contemporânea.

Tendo isso em vista, esta comunicação propõe uma breve reflexão sobre o impacto da ubiquidade computacional quando associada a formas de captura e recuperação de informação através de sistemas de memória artificial, no que tange aos processos de rastreamento, análise e comunicação de informações relacionadas à performance do corpo de usuários de acessórios vestíveis (*wearables*). Nesta categoria de artefatos tecnológicos estariam incluídos tanto hardwares quanto softwares de monitoramento de comportamentos rotineiros, como, por exemplo, aplicativos para dispositivos móveis que contam a quantidade de passos realizados ao longo de um período, informam a previsão do tempo, sugerem itinerários com base na rotina de seus usuários, contabilizam as horas de sono, dentre outros tipos de soluções tecnológicas que rastreiam, analisam e comunicam informações orientadas para a tomada de decisões que afetam o corpo diretamente – a saúde do corpo, o seu deslocamento através de um determinado território, o tipo de vestimenta a ser escolhido com base nas expectativas climáticas, etc.

Assim, pretende-se abordar as implicações e os efeitos das tecnologias vestíveis de registro imagético sobre o corpo e, principalmente, sobre a memória de seus usuários. Tomamos como ponto referencial as práticas de produção de diários imagéticos do cotidiano efetuadas com dispositivos *wearables* – como as câmeras

vestíveis iOn SnapCam e Spectacles – que captam imagens automaticamente em intervalos de tempo pré-determinados pelos seus usuários.

Entretanto, por se tratar de uma modalidade de registro ainda pouco difundida na cultura visual de nossa época, vamos apenas referenciá-la como um fenômeno emergente com potencial de crescimento nos próximos anos. Desta maneira, como estratégia para viabilizar as reflexões sobre as questões colocadas diante do cenário dos *wearables* de registro imagético, o texto apresenta uma breve análise do terceiro episódio da série britânica *Black Mirror*, *The entire history of you* (Brian Welsh, 2011), amparada, principalmente, pelo debate teórico em torno do conceito bergsoniano de memória. (BERGSON, 1999).

2 | OBSESSÃO MNEMÔNICA E ARQUIVISMO COMPULSIVO

Atualmente, vivenciamos a época do arquivismo compulsivo, caracterizado, sobretudo, por uma aversão ao esquecimento. Registra-se muito mais do que se pode consultar. Nas palavras de Fausto Colombo (1991, p. 104), em sua obra *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*, “o importante não é recordar, praticar a memória, é saber que a recordação está depositada em algum lugar e que sua recuperação é – pelo menos na teoria – possível”.

De fato, chama a atenção como, atualmente, o ato de registro não apresentar uma finalidade que não a do próprio registro. Não que os arquivos que abarrotam e entopem as memórias dos *hard disks* (locais ou “na nuvem”) sejam desprovidos de qualquer sentido, o aspecto essencial, contudo, reside no fato de que tais informações arquivadas têm sua justificativa em si mesmas, como negação do esquecimento.

Muitas questões poderiam ser endereçadas a partir da observação deste estado de coisas sugerido pela obsessão mnemônica que trazem em si embarcadas as variadas formas de registro do cotidiano, entretanto, vamos eleger uma única para dar início aos nossos comentários: como a memória, bem como suas relações com os corpos humanos, são afetadas por tais práticas de registro compulsivo?

De uns anos para cá, o mercado de acessórios tecnológicos vem tentando – sem sucesso, até então - oferecer aos consumidores diferentes alternativas de dispositivos que, em comum, tangibilizam o conceito de câmera vestível. Assumindo diferentes formatos – geralmente variando entre a forma de bôton ou de óculos – todos eles oferecem a possibilidade de captura automática e incessante de imagens (estáticas ou em movimento). Os modelos mais conhecidos, atualmente, são a iOn SnapCam – uma pequena câmera em formato de bôton – e a Spectacle – um óculos de sol com câmera de vídeo embarcada, fabricado pela mesma empresa que controla o aplicativo de rede social Snapchat. Outros dois dispositivos, já descontinuados, o Narrative Clip e o Google Glass – também em formato de bôton e óculos, respectivamente – podem ser considerados antecessores das atuais gerações de dispositivos de câmera vestível.

No que concerne aos interesses deste texto, os modelos de câmera vestível

referidos operam como disparadores de um debate que assume viés apenas especulativo, sobretudo, devido a pouca adesão ao uso destas tecnologias no dia-a-dia – fato este que se reflete no próprio insucesso mercadológico de alguns dos produtos citados. Contudo, se a experiência empírica mostra-se demasiadamente econômica, para uma análise mais aprofundada dos efeitos sobre a memória ocasionados pelo uso de dispositivos vestíveis de captura contínua de imagens, a ficção, por outro lado, é rica em exemplos inspiradores para animar discussões sobre o tema.

Tomemos como referência um caso em particular, o terceiro episódio da primeira temporada da série britânica *Black Mirror*, intitulado *The entire history of you*. Nele, é apresentada uma versão de nosso mundo – contextualizado em um futuro próximo – em que é muito popular a utilização de um implante de dispositivo de memória capaz de registrar, continuamente, todas as imagens (e sons) percebidos pelos seus usuários. Com o auxílio de um pequeno controle, o dispositivo – chamado de Grão (*Grain*) – permite também a recuperação e exibição das imagens capturadas através de monitores convencionais ou, ainda, através da projeção direta das imagens na retina de seus usuários.

Ao longo do episódio, é possível observar um breve repertório de possibilidades de utilização do *Grain*: em uma sequência, o personagem principal, Lean, logo após passar por uma entrevista de avaliação de desempenho na empresa em que trabalha, tenta antecipar o resultado do seu encontro com os avaliadores revendo por diversas vezes as imagens da audição, analisando todos os gestos, pausando e ampliando a imagem em determinados momentos, observando os olhares, as frases ditas por eles, etc.; em outro momento, após chegar em casa, ele e sua esposa revisam as imagens capturadas pelo dispositivo implantado em sua filha, que permaneceu sob os cuidados da babá durante o período em que estiveram ausentes.

Entretanto, para além das múltiplas possibilidades de uso do dispositivo para solucionar problemas do dia-a-dia – será que a babá está cuidando do bebê adequadamente? Desliguei o fogão antes de sair de casa? Onde deixei a chave do carro? – a narrativa contada em *The entire history of you* aprofunda questões que trazem à tona problemas relacionados à impossibilidade do esquecimento. Seguindo a mesma proposta dos outros episódios da série *Black Mirror*, em *The entire history of you* a motivação do enredo toma como referência um hábito comum nos dias de hoje – no caso, a obsessão pelo registro (e compartilhamento) do cotidiano – representando-o através de uma narrativa que, ao desenrolar-se, conduz o espectador rumo a uma situação limite, em que a tecnologia comparece como um fator determinante para a condução da história e para o drama vivido pelos personagens.

Neste sentido, por um lado, os fatos narrados em *The entire history of you* cumprem apenas o papel de produzir uma representação exagerada de práticas amplamente disseminadas em nossa cultura, entretanto, por outro lado, o elemento a ser destacado na história é a ideia de recuperação e visualização instantânea de tudo o que foi memorizado pelo dispositivo implantando nos cérebros de seus usuários.

Deste modo, ao colocar o foco narrativo sobre os processos de recuperação instantânea de informações íntimas, *The entire history of you* amplia o debate sobre a memória artificial, abrindo caminho para que novas questões venham à tona. Se as possibilidades de registro hoje disponíveis através de diversos tipos de aplicações de *life-logging* competem com o potencial de arquivamento da memória orgânica, a recuperação instantânea rivaliza com o próprio ato de *rememoração*.

3 | REMEMORAÇÃO, PERCEPÇÃO E (ÉTICA DO) ESQUECIMENTO

Em seu livro, *Matéria e Memória*, o filósofo francês Henri Bergson (1999) afirma que a memória, através da ação das *lembranças*, tornaria a percepção das imagens algo “impuro”, pois sempre que percebemos a imagem de um objeto com nossos sentidos, tal compreensão do que percebemos já se mostra contaminada por nossas lembranças, as quais tendem a se fundir ao ato perceptivo, formando um amálgama em que não se pode discernir onde termina a percepção “pura” produzida através dos nossos sentidos e onde iniciam as contribuições das lembranças no processo de reconhecimento e esclarecimento do objeto. Para o autor, “simplesmente não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” e, mais do que isto, “na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais do que algumas indicações, simples ‘signos’ destinados a nos trazerem à memória antigas imagens”. (BERGSON, 1999, p. 30). Ainda, inversamente, para Bergson (1999, p. 70), uma lembrança não pode se fazer presente a não ser tomando o corpo por “empréstimo”, aderindo ao processo perceptivo e afetivo da experiência fenomenológica.

Seguindo por esse caminho, a partir das leituras dos escritos do autor em *Matéria e Memória*, compreendemos a importância fundamental da ação da memória para todo e qualquer tipo de experiência com o mundo ao nosso redor. Entretanto, e ainda segundo as ideias do filósofo, tão importante quanto a capacidade de lembrar é também a faculdade de esquecer. É somente esquecendo tudo aquilo que não importa para agirmos no presente que podemos sobreviver.

Para que novas lembranças possam ser produzidas, afirma Jerusa Ferreira (2003), é preciso também esquecer, pois, segundo Levy Strauss (apud Ferreira, 2003), o esquecimento é responsável por quebrar uma certa continuidade na ordem mental, abrindo caminhos para que outras ordens possam ser estabelecidas.

A dupla esquecimento/memória, portanto, é apenas uma aparente oposição [...]. Poderíamos mesmo dizer que o esquecimento seria responsável pela continuidade, pela memória e até pela lembrança. Segundo Lévi Strauss é o esquecimento que vem quebrar uma certa continuidade na ordem mental, sendo responsável pela criação de uma outra ordem. (FERREIRA, 2003, p. 94).

Mas o que ocorre quando passamos a carregar junto aos nossos próprios corpos próteses mnemônicas empenhadas em mapear, armazenar e colocar a

nossa disposição um vasto conjunto de informações sobre as experiências vividas? Como se torna-se possível o ato de esquecimento quando os processos técnicos de rememoração atingem níveis tão elevados?

Em seu artigo *Outlines of a world coming into existence: pervasive computing and the ethics of forgetting*, Martin Dodge e Rob Kitchin (2007, p. 442) analisam as implicações sociais, políticas e éticas das “máquinas que nunca esquecem” (*machines that never forget*). Tomando como base o crescimento acelerado dos *life-logs* em nossa cultura – arquivos que documentam cada ação, cada evento, cada conversa, cada expressão material da vida de um indivíduo – os autores alertam para os perigos potenciais que surgem à medida que estas informações (capturadas muitas vezes sem o conhecimento e o consentimento dos indivíduos) passam a compor bases de dados que fogem ao controle e ao alcance dos próprios indivíduos que fornecem seus dados.

Neste sentido, Dodge e Kitchin (2007) propõem, em nome do que eles chamam de uma “ética do esquecimento” (*ethics of forgetting*), que, no processo de design e desenvolvimento de sistemas de *life-logging*, o “esquecimento” passe a ser uma parte integral de seu funcionamento. Advogando em favor da existência de sistemas de *life-log* “falíveis”, isto é, embasados em uma ética do esquecimento, os autores concluem que tais sistemas permitiriam aos seus usuários serem eles próprios “falíveis”, e, assim, serem capazes de desenvolver suas identidades sociais, de viverem com suas consciências, e, principalmente, deixarem para trás as partes de seu passado necessárias para poderem seguir em frente.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em outra passagem de *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*, Fausto Colombo (1991) chama a atenção para o fato de que, hoje em dia, apesar de ainda preservamos muitas correlações metafóricas entre sistemas de arquivos analógicos, como as bibliotecas físicas, e digitais, tais como os bancos de dados armazenados em servidores computacionais, há uma diferença fundamental no que tange, dentre outras coisas, ao ato de “buscar” por um arquivo em um sistema digital, visto que, atualmente, são antes os dados que vêm até nós do que nós até os dados. Nas palavras de Colombo (1991, p. 24)

[...] entrar num arquivo informático conserva, de um certo modo, a ideia de viagem e por conseguinte de ingresso, com a incontestável e evidente diferença fundamental de que os dados requeridos ou procurados movem-se em direção ao viajante, ao invés de esperarem imóveis e imperturbáveis a chegada deste: entrar num arquivo significa hoje sentar diante de uma tela (monitor ou simples televisor doméstico) e iniciar a pesquisa de uma informação qualquer.

O que se pode concluir, a partir do exposto até aqui, é que estamos, gradualmente, adentrando outra etapa do arquivismo compulsivo e do colecionismo, em que, para além da crescimento exponencial da capacidade de estocagem das máquinas

computacionais, estamos lidando com novos processos automáticos de recuperação da informação, os quais, quando levados ao limite de seu potencial, podem alterar não somente os processos sociotécnicos envolvidos, especificamente, nas atividades de conservação da memória cultural, mas, sobretudo, na vida cotidiana em todas as suas dimensões e os modos de pensar – isto é, as convicções – individuais e grupais.

Em épocas passadas, as formas de arquivamento anteriores aos computadores eram fortemente instrumentais, isto é, estabeleciam relação bastante direta e coesa entre a materialidade do veículo receptor do arquivo e o próprio arquivo. O computador, contudo, surge como uma primeira máquina cujas propriedades de armazenamento são condicionadas por leis próprias, relativamente autônomas, que permitem a integração radical dos processos de arquivamento a um vasto conjunto de outras práticas culturais, de modo que novos processos de subjetivação e de produção de imaginários vão, gradualmente, despontando como territórios de investigação privilegiados para a compreensão de algumas regiões ainda pouco visitadas no vasto cenário da tecnocultura contemporânea.

No trecho final de *As we may think*, ao especular sobre as possibilidades futuras que o conhecimento científico então disponível à época poderia oferecer, Bush (2002) sugeria formas de troca de informações por indução elétrica, de tal modo que os fenômenos do mundo ao nosso redor, apreendidos pelos sentidos humanos, poderiam ser interceptados, diretamente, por sistemas tecnológicos e armazenados em memórias artificiais, não sendo necessário, portanto, nenhum tipo de conversão entre o processamento da informação física e a sua transformação em impulso elétrico.

Inspirados pelas previsões de Bush (2002), poderíamos também propor o movimento inverso, isto é, a introdução direta de informação arquivada em memória artificial nos sistemas nervosos humanos, ou seja, lembranças artificiais introduzidas diretamente nos nossos cérebros, mesclando-se completamente às nossas próprias lembranças. No limite, em tal cenário típico de algum episódio de *Black Mirror*, re-ver e re-viver se tornariam a mesma coisa.

Portanto, só podemos esperar que nosso destino não termine como o do protagonista do conto, originalmente publicado em 1941, *Funes, o memorioso*, do escritor argentino Jorge Luis Borges (1999), que, após uma queda de cavalo, desenvolve um raro e curioso dom: torna-se incapaz de esquecer. Só de olhar para uma parreira, por exemplo, Funes conseguia lembrar-se de todos os brotos, cachos e frutas que nela se encontravam. Mais do que isto, não só lembrava de tudo, como lembrava também de todas as vezes em que havia lembrado de algo. Lembrava dos sonhos e dos entressonhos. “Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro, não havia jamais duvidado, mas cada reconstrução havia requerido um dia inteiro.” (BORGES, 1999, p. 55).

Entretanto, Funes era incapaz de generalizações: “Não apenas lhe custava compreender que o símbolo genérico cão abarcava tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversa forma; perturbava-lhe que o cão das três e catorze

(visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quatro (visto de frente)”. (BORGES, 1999, p. 56-57). Era capaz de perceber a mais sutil mudança e, desse modo, discernia com clareza os progressos da umidade, da velhice e da morte. E se dormir é distrair-se do mundo, para Funes dormir era quase impossível. Vivendo em um mundo abarrotado de detalhes, há quem desconfiasse que Funes fosse incapaz de pensar, pois, como conclui Borges (1999, p. 57), “pensar é esquecer as diferenças, é generalizar, é abstrair”.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. In: _____. **Obras completas de Jorge Luis Borges**. v. 1. São Paulo: Globo, 1999.

BUSH, Vannevar. As we may think. In: WARDRIP-FRUIIN, Noah. MONFORT, Nick. **The new media reader**. Cambridge: MIT Press, 2002.

COLOMBO, Fausto. **Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DODGE, Martin, KITCHIN, Rob. Outlines of a world coming into existence: pervasive computing and the ethics of forgetting. **Environment and Planning B: Planning and Design 2007**, United Kingdom, v. 34, p. 431-445, 2007.

FERREIRA, Jerusa Pires. **As armadilhas da memória**. São Paulo: Ateliê, 2003.

WEISER, Mark. The computer for the 21st century. **Scientific American**, USA & Canada, v. 3, n. 265, p. 66-75, jan. 1991.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-026-1

